

Análise narrativa e memória social: retratos em pequenas histórias da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA)

Bougleux Bomjardim da Silva Carmo*

“O contador de histórias deixa na experiência as suas marcas, tal como o oleiro deixa as das suas mãos no vaso de barro”.
(Walter Benjamin. Baudelaire e a Modernidade, 2015)

Resumo: Neste artigo, analisa-se a tipologia narrativa consoante o modelo chamado de *pequenas histórias*. Concomitantemente, coloca-se em relevo a memória social da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA) em uma perspectiva sociocognitiva e discursiva (NORRICK, 2019; PAVEAU, 2015, 2007). Como fundamentação teórica, mobiliza-se os estudos da análise narrativa (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; GEORGAKOPOULOU, 2015; FLANNERY, 2015). Metodologicamente, descreve-se as estruturas narrativas co-construídas por três velhos quilombolas moradores de Arara. Como resultado, mostra-se que os sujeitos co-constroem histórias não canônicas na interação, as lembranças são constituídas em *linhagens discursivas* e, finalmente, reflete-se na memória e narração como dimensões socioculturais interdependentes.
Palavras-chave: Linhagem discursiva. Memória. Narrativa. Pequenas histórias.

Abstract: This article aims to analyze the narrative structure according to the model called small stories. Concomitantly, the social memory of the Arara community in Teixeira de Freitas (BA) is highlighted from a sociocognitive and discursive perspective (NORRICK, 2019; PAVEAU, 2015, 2007). As a theoretical foundation, are mobilized the studies of the narrative analysis (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; GEORGAKOPOULOU, 2015; FLANNERY, 2015). Methodologically, it is described the narrative structures co-constructed by three elderly *quilombolas* residents in Arara. As a result, it is shown that subjects co-construct non-canonical stories in interaction, memories are constituted in discursive lineages, and, finally, the memory and narration are thought as interdependent sociocultural dimensions.

Keywords: Discursive lineage. Memory. Narrative. Small stories.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la estructura narrativa según el modelo denominado pequeños relatos. Concomitantemente, se destaca la memoria social de la comunidad de Arara en Teixeira de Freitas (BA) desde una perspectiva sociocognitiva y discursiva (NORRICK, 2019; PAVEAU, 2015, 2007). Como fundamento teórico, se movilizan los

* Doutor em Estado e Sociedade pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Atualmente é professor de língua portuguesa da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. <https://orcid.org/0000-0002-0791-2884> / E-mail: bougleux.carmo@hotmail.com



estudios de análisis narrativo (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; GEORGAKOPOULOU, 2015; FLANNERY, 2015). Metodológicamente, se describen las estructuras narrativas co-construidas por tres ancianos *quilombolas* residentes en Arara. Como resultado, se muestra que los sujetos co-construyen relatos no canónicos en la interacción, las memorias se constituyen en linajes discursivos y, finalmente, la memoria y la narración se piensan como dimensiones socioculturales interdependientes.

Palabras clave: Linaje discursivo. Memoria. Narrativa. Cuentos cortos.

Introdução

Quando se trata de compreender as identidades sociais dos grupos, comunidades e coletivos em suas especificidades e contextos, é preciso ter em conta o universo de significância para os sujeitos e atenção naquilo que se apresenta como trabalho da rememoração durante a conversação para a construção da memória social via narrativa. Igualmente, importa considerar como esse processo contribui na estruturação da narrativa em geral, pois “ouvir as estórias de outrem é abrir-se para descobrir um pouco sobre o seu mundo, seja viabilizado pelo universo semântico, pela concretude das referências e imagens criadas, seja pela própria linguagem” (FLANNERY, 2015, p. 13). Dito isto, a narração oportuniza o encontro com as singularidades e se organiza em padrões linguísticos, sociais e interacionais.

Como agenda de pesquisa sociolinguística da narrativa, mostra-se consensual assumi-la como uma forma de compreender as projeções identitárias, situando-as para além das questões estruturais (BAMBERG, 2010; FLANNERY, 2015). Assume-se ainda como uma maneira de “organização básica da experiência humana” (BASTOS, 2004, p. 119) em sua cotidianidade e dinamicidade, o que leva em consideração “sua função no modo como os atores sociais co-constroem sentidos sobre si e o mundo” (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 78), porquanto, epistemologicamente, o viés narrativo tornou-se um novo paradigma no âmbito das Ciências Humanas a partir de meados do século XX. Portanto, trata-se de um “objeto” ou constructo complexo e multifacetado, exigindo um olhar atento não somente à materialidade linguística, mas às configurações sociais e à eticidade inerente ao ato de narrar.

Apesar da amplitude desses elementos, urge explorar duas questões, nas quais este estudo intenta contribuir, enquanto fatores que também justificam sua incursão, a saber: i) a descrição pouco robusta em língua portuguesa de narrativas para além da configuração canônica laboviana (LABOV; WALETZKY, 1997), isto é, outras possibilidades de configuração, tais como as pequenas estórias – *small stories* ou *narrativas-em-interação* (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; GEORGAKOPOULOU, 2015) em formas não canônicas; ii) as ambiguidades ou imprecisões teóricas relativamente às questões da lembrança e da rememoração no decurso da conversação no processo de co-construção narrativa. Tal exploração não se posiciona, todavia, no sentido de esgotamento da abordagem.

Sendo assim, no presente artigo, investiga-se a inter-relação entre o trabalho da rememoração e a intersubjetividade na co-construção de narrativas na conversação informal de velhos¹ em contexto familiar. Sendo assim, “focalizar outras dimensões da construção narrativa, tais como a indagação de por que as narrativas estão tão presentes em nossas vidas cotidianas, ou o que significa contá-las, ou como se relacionam com a experiência” (BASTOS, 2004, p. 119) e, para tanto, dialoga-se, de forma geral, a perspectiva interacional e êmica do estudo das narrativas (BASTOS, 2004; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2020) com a Análise da Narrativa (BASTOS; BIAR, 2015; FLANNERY, 2015; GEORGAKOPOULOU, 2015; NORRICK, 2019). Por isso, o estudo importa pela aproximação da descrição de padrões linguísticos em narrativas à historicidade, nas quais as lembranças, experiências e o “mundo dos sujeitos” são partilhados e estórias co-construídas no *hic et nunc* da conversação.

Por isso, a questão que se coloca no horizonte deste trabalho é a seguinte: como se estruturam as narrativas em conversas com velhos e como, neste processo, a memória se articula? Por isso, serão tratados, especificamente, os seguintes pontos, quais sejam: (a) a descrição exploratória e sucinta das configurações narrativas das pequenas estórias (GEORGAKOPOULOU, 2015), constituintes no *corpus*, considerando suas (im)possibilidades em entrevista narrativa (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) e,

¹ O termo *velho*, neste estudo, refere-se à categoria sociológica (BOSI, 2004), já que o termo *idoso* tem relação com assunções jurídicas contemporâneas, por exemplo.

concomitantemente, o confronto com a estruturação canônica laboviana; (b) a construção intersubjetiva das narrativas e sub-narrativas em uma conversa a partir do trabalho da memória, tendo em conta a dimensão da *cognição distribuída* no processo de rememoração colaborativa (NORRICK, 2019) e da memória sociocognitiva em linhagens discursivas (PAVEAU, 2015, 2007) na organização interacional, como forma de aprofundar a noção de “memória encarnada” (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2020).

Isso posto, o artigo assim se desdobra: no primeiro momento, trata-se das linhas e recortes teóricos que ancoram a investigação, atrelados à perspectiva interacional, analítica e socioconstrucionista do estudo da narrativa; no segundo momento, discorre-se brevemente acerca da relação entre memória e narrativa em uma perspectiva sociocognitiva e discursiva; em sequência, expõe-se o desenho metodológico, bem como a natureza do *corpus*, com foco na abordagem qualitativa e interpretativista a partir da utilização de entrevistas abertas e conversas.

Por fim, discorre-se a análise do *corpus*, tendo em vista os elementos descritivos propostos das pequenas histórias e a focalização no trabalho intersubjetivo da memória na co-construção das narrativas e sub-narrativas, destacando determinados elementos e sentidos da identidade social dos sujeitos (BAMBERG, 2012). Encerra-se, então, com as considerações sumarizando questões residuais que não puderam ser tratadas no presente estudo.

1 Estrutura narrativa: aspectos do modelo canônico laboviano

A narrativa é objeto de estudos nos mais diversos campos do conhecimento e sob diferentes perspectivas epistemológicas e metodológicas, presente desde os estudos clássicos e literários até o domínio da filosofia, da narratologia, da semiótica. Sendo que, a partir da chamada *narrative turn*, “virada narrativa” ou “giro narrativo”, tem-se uma importante mudança paradigmática na segunda metade do século XX que passa a considerar novas formas de produção narrativa antes não descritas (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). A pesquisa sociolinguística laboviana é considerada um

dos marcos dessa mudança que influenciou as Ciências Humanas e Sociais como um todo. Na verdade, Labov e Waletzky (1997) estabeleceram um modelo macro e dominante da estruturação narrativa a partir de padrões específicos com monitoramento mínimo do uso da linguagem pelos sujeitos.

Segundo Nogueira e Oliveira (2020), uma das críticas ao modelo refere-se à “homogeneização e atribuição de fatos e dados analisados à determinada categoria” (2020, p. 80), bem como não situa a nível micro da análise e o que chamam de “memória encarnada” (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2020). No entanto, o modelo canônico laboviano abriu espaço para análise narrativa nos mais diferentes contextos sociocomunicativos – para além da manifestação literária – uma vez que relacionaram “a sequência de elementos narrativos com a sequência inferida de eventos na experiência que está sendo recapitulada por meio da definição de unidades narrativas”² (LABOV; WALETZKY, 1997, p. 38, tradução nossa) e delinearam “os principais elementos de narrativas simples que desempenham tanto funções referenciais como de avaliação”³ (p. 38, tradução nossa). Com isso, estabeleceu-se um modelo empírico de análise.

No horizonte do modelo, tem-se uma visão pragmática da experiência expressa em sequências de eventos temporais que os recapitulam, como dito, em unidades narrativas como fundamento e objeto de análise (LABOV; WALETZKY, 1997). Neste contexto, as narrativas eram obtidas em entrevistas, mas sem foco na construção interacional, pois o objetivo era estimular o sujeito a narrar. Na verdade, o ponto relevante nesta abordagem consistia no levantamento quantitativo dos dados para a explicitação das recorrências e, com isso, estabelecer um modelo a partir dos traços estruturais marcantes. Para Nogueira e Oliveira (2020, p. 81), não era a preocupação do modelo laboviano “um tratamento pela luta do espaço interacional”, contudo urge destacar que a entrevista, enquanto técnica de pesquisa, se estabelece em diferentes formatos e funções no campo das Ciências Humanas e Sociais em geral (BONI; QUARESMA, 2005).

² No original: “The sequence narrative elements to the inferred sequence of events in the experience that is recapitulated, through the definitions of narrative units”.

³ No original: “The principle elements of simple narratives that perform both referential and evaluative functions”.

De qualquer modo, entrevistas também são contextos naturais de produção da fala, de conversa e de discurso (DE FINA; PERRINO, 2011). Isso quer dizer, portanto, que a questão do “espaço interacional” deve ser analisada contextualmente na singularidade de cada campo e recorte teórico⁴. Sendo assim, nos modelos pós-labovianos, a preocupação deixa de ser unicamente as configurações estruturais, que não deixaram de ser parte do processo de descrição, para se investigar outros aspectos funcionais, a ação social dos sujeitos, as relações pragmáticas etc., ampliando o horizonte heurístico e o campo de pesquisa.

Com efeito, os autores construíram o modelo com base em um número expressivo de entrevistas orais com sujeitos entre 10 e 72 anos, com diferentes níveis de formação educacional e oriundos de comunidades negras e brancas. Expõe-se, a seguir, uma representação da forma canônica laboviana, na qual sumarizam-se as principais características do modelo, embora não seja o foco deste estudo, devido aos seus limites, discorrer ou aprofundar a análise de cada elemento:

Figura 1: Esquema da estrutura narrativa em Labov e Waletzky (1997)



Fonte: Elaborado pelo autor

⁴ Para a autora é preciso desconstruir a polarização exacerbada entre as posições conceituais que não consideram uma entrevista como um contexto “natural” de produção sociointerativa e comunicativa e, em oposição, outras que consideram a necessidade de se apagar o evento interacional, “esquecendo-o”. No entanto, considera-se – e esta é a posição adotada neste trabalho – que a entrevista é um verdadeiro, natural e múltiplo evento interacional e que tem sido pouco estudada nesta perspectiva (DE FINA; PERRINO, 2011). Urge endossar que, nas últimas décadas, a pesquisa qualitativa tem se desenvolvido, notoriamente, no tocante ao redimensionamento e amplitude dos modelos teóricos, instrumentos utilizados para coleta de dados e os campos epistemológicos que sustentam esses mesmos instrumentos e modelos. Por conseguinte, toda escolha teórico-metodológica implica ganhos e perdas no processo de interpretação dos dados em relação aos recortes que são delimitados.

No gráfico, dos itens constantes na estrutura, a *ação complicadora* é a mais fundamental e, como *unidade mínima*, deve ocorrer em uma narrativa simples que, por seu turno, necessita de duas sentenças ordenadas livremente ao menos, formando um todo temporal (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2020). Subjaz a cada elemento estrutural, chamado de *sequência primária*, algum questionamento que o sustenta. Na tabela a seguir, expõe-se uma síntese da natureza de cada um dos elementos presentes no gráfico anterior:

Tabela 01: Conceitos das sequências primárias

Elemento estrutural	Conceituação básica
<i>Abstract</i>	“Resumo é a sentença inicial que encapsula ou sumariza o ponto da história enfatizando a reportabilidade da narrativa e preparando a audiência para ouvir uma história” (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 81).
<i>Orientação</i>	São constituídas por sentenças livres que antecedem a sentença narrativa e servem para orientar o ouvinte em relação ao lugar, tempo, pessoa e a situação como um todo (LABOV; WALETZKY, 1997).
<i>Complicação</i>	É a parte central da cláusula narrativa, geralmente, constitui-se de uma série de eventos que são chamados de complicação ou ação complicadora (LABOV; WALETZKY, 1997).
<i>Avaliação</i>	Exprime uma série de atitudes do narrador em relação ao conteúdo narrado e a reportabilidade narrativa. Há, pois, inúmeros recursos avaliativos: comparações, encaixamentos, discurso reportado, etc. (LABOV; WALETZKY, 1997)
<i>Resolução</i>	Parte da sequência narrativa que se segue à avaliação e, às vezes, coincide com ela (LABOV; WALETZKY, 1997).
<i>Coda</i>	Elemento adicional que funciona como um retorno à perspectiva verbal do momento presente da narrativa (LABOV; WALETZKY, 1997).

Fonte: Elaborado pelo autor

O modelo abarca uma dimensão *formal* da descrição linguístico-narrativa relativamente aos padrões recorrentes em uma narrativa simples como estruturas invariantes nos níveis sintático-semântico (LABOV; WALETZKY, 1997). No plano *funcional* da análise, entende-se a narrativa como uma técnica verbal de recapitulação da experiência (LABOV; WALETZKY, 1997).

Por conseguinte, define-se “a narrativa como um método de recapitular a experiência passada que corresponde a uma sequência verbal de cláusulas de sequência

de eventos que realmente ocorreram”⁵ (LABOV; WALETZKY, 1997, p. 12, tradução nossa). Em suma, “qualquer sequência de cláusulas que contenha pelo menos uma junção temporal é uma narrativa”⁶ (p. 21, tradução nossa).

2 Pequenas histórias e subversões do modelo canônico

As *small stories* – pequenas histórias – são objetos de pesquisa e, ao mesmo tempo, uma espécie de contramovimento aos modelos dominantes de análise de narrativa (GEORGAKOPOULOU, 2015), especialmente o laboviano. Para tanto, há uma convergência entre diferentes tradições epistemológicas, como a sociolinguística, estudos biográficos, a perspectiva interacional e outros campos das Ciências Humanas e Sociais. Sendo assim, nesta proposta, as unidades de análise, a natureza dos enunciados e todas as formas de estruturação sociocomunicativas comumente excluídas ou residuais no modelo canônico são posicionadas sob outras chaves epistemológicas. Na verdade, “estas histórias têm sido frequentemente tomadas como representações mais ou menos não mediadas e transparentes das subjetividades dos participantes e a partir daí como refletindo de volta sobre suas identidades”⁷ (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 378, tradução nossa).

Há uma imbricação entre o estudo das pequenas histórias e as identidades individuais ou coletivas – embora não se reduza a este núcleo – já que os sujeitos constroem os sentidos e posições sobre si e os outros no plano narrativo (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Além disso, construiu-se instrumentos analíticos apropriados para tratar de uma variedade enorme de formas narrativas atípicas – histórias com distintos contextos, por vezes difusas, aparentemente desestruturadas e mormente

⁵ No original: “we have defined narrative informally as one method of recapitulating past experience matching a verbal sequence of clauses of sequence of events that actually occurred”.

⁶ No original: “any sequence of clauses that contains at least one temporal juncture is a narrative”.

⁷ No original: “These stories have often been taken as more or less unmediated and transparent representations of the participants subjectivities and from there as reflecting back on their identities”.

marginalizadas pela tradição – e, com isso, abrir espaço para o estudo das identidades narrativas em formas dissidentes e heterogêneas.

Para Georgakopoulou (2015), o termo ou rótulo *small stories*, pequenas histórias, se posiciona como uma contra-estória: “se as ‘grandes histórias’ tinham sido analisadas extensivamente, agora era o momento de olhar para as histórias negligenciadas, que, de certa forma, também eram literalmente pequenas” (p. 256). Não obstante, essa corrente analítica não dicotomiza os modelos em tela, pois reconhece-se o pluralismo e heterogeneidade da atividade narrativa que se dá no mesmo evento sob diversas proporções e contextos em que se apresentam. Nessa linha, interessam as funções e ações sociais da narrativa na vida das pessoas em sua cotidianidade em uma perspectiva pragmática: o que fazem e o que significam ao narrar (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

O fato de subverter o modelo canônico ou um enunciado qualquer, não se estruturando por meio de uma ação complicadora como sequência primária, quer dizer que tudo se torna *pequena história*? Georgakopoulou (2015) assevera que não, e postula alguns princípios para circunscrever operacionalmente os limites descritivos das *small stories* de um outro fenômeno qualquer, a saber: “existe uma via intermédia entre a imposição de critérios rigorosos e éticos (analíticos) e a não imposição de quaisquer critérios de definição: esta via intermédia consiste em evitar prescrições” (GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 256). Em resumo, a autora sugere relativizar as definições e adotar postura flexível. Não se trata de um “vale tudo”, mas evita-se o engessamento analítico-estrutural, já que, nesta perspectiva, a historicidade do sujeito, a circulação textual e a situacionalidade da produção verbal são elementos fundamentais para a análise narrativa das pequenas histórias.

Para Georgakopoulou (2015) e Bamberg e Georgakopoulou (2008), dentre vários elementos, são pressupostos analíticos da pesquisa com *small stories*, a saber: a) a negociação das identidades que são construídas em narrativas estruturadas das mais variadas formas; b) a importância dos espaços funcional e interativo que corroboram para estabelecer engajamento e fundamentação das identidades; c) a mobilização dos mundos referenciais nas diferentes maneiras de contar a partir de diversas ferramentas

de mediação; d) os recursos intertextuais e os gatilhos contextuais que propiciam a indexação de si e do outro.

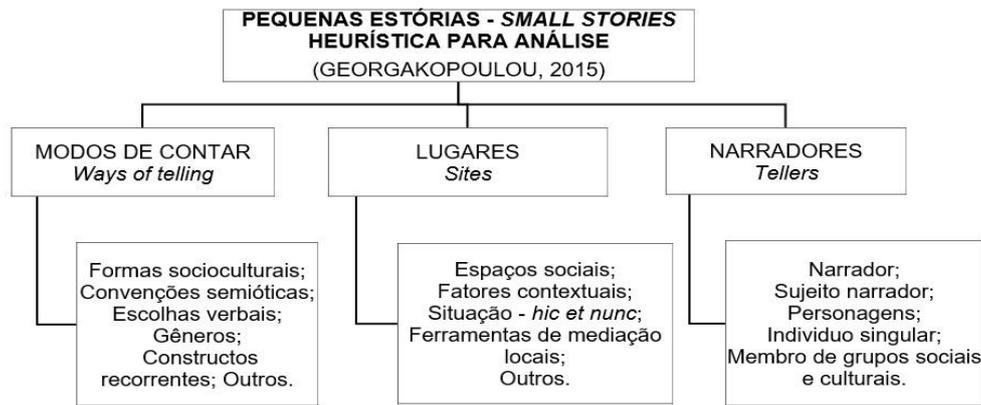
Além disso, têm-se os tipos de eventos e experiências partilhadas, pois “a narrativa passa a ser vista como uma construção social e não mais como uma representação do que aconteceu” (BASTOS, 2004, p. 121). Assim, os afetos, as lembranças, o momento em que se dá a contação, os tipos de laços sociais constituídos e uma série de elementos entram em ação na construção narrativa.

No modelo tradicional laboviano, é preciso que haja reportabilidade para se considerar uma sequência como narrativa, ou seja, “a narrativa deve ser contável, isto é, deve fazer referência a algo extraordinário. Acontecimentos banais e previsíveis não se prestam a ser contados, não têm reportabilidade” (BASTOS, 2004, p. 119). Se um sujeito interlocutor se dispõe a contar uma estória para outrem, este, por seu turno, deve inferir e se questionar: “qual a razão de contar sobre isso? O que isso tem a ver com a conversa no momento? E daí?”. Eis o problema da reportabilidade que se apresenta, conforme o modelo canônico, no ponto da narrativa que dá a carga dramático-emocional na sequência primária da avaliação e que se confunde, normalmente, com o tópico da conversa (BASTOS, 2004).

Porém, nos estudos das pequenas estórias a questão da reportabilidade é relativizada, já que, em primeiro lugar, a natureza “extraordinária” do campo referencial não está no evento em si, mas na função que assume para o contador no momento da interação. Além disso, esse campo se estende ao mundo das trocas ordinárias da linguagem (AUSTIN, 1990), isto é, falar é agir e a narrativa é uma forma cotidiana e corriqueira de ação sociolinguística e interacional. Sendo assim, o mais banal, confuso, aparentemente *nonsense*, deslocado e residual do cotidiano pode, em um dado contexto e sob condições específicas, apresentar-se como uma pequena estória. Isso decorre, pois, da mudança na visada em relação ao cânone.

Para operacionalizar a análise narrativa de pequenas estórias, Georgakopoulou (2015) estabeleceu uma heurística a partir de três níveis distintos e inter-relacionados, sintetizados e representados no esquema da Figura 02 a seguir:

Figura 2: Esquema da análise de pequenas estórias



Fonte: Elaborado pelo autor

Em “modos de contar”, há os fatores da interatividade, na qual são construídas as identidades, as expectativas, as posições, engajamentos, intertextualidades e outros fatores na gestão e negociação locais, nos quais a experiência é narrativizada. Os “lugares ou sítios” são espaços sociais heterogêneos, nos quais as escolhas se operam no aqui e agora da construção social narrativa, assim como dos mundos narrativos invocados pelos participantes. Os narradores são sujeitos sociais, partícipes de diferentes grupos socioculturais e com suas biografias singulares, mas também são personagens constituídos narrativamente. Todos esses elementos se imbricam no espaço-tempo da construção das pequenas estórias, ora analisáveis a partir dessas multicamadas e elementos conjugados (GEORGAKOPOULOU, 2015).

3 Memória em perspectiva sociocognitiva e as linhagens discursivas

A relação entre memória e linguagem na construção e análise narrativas é estreita e, independente do modelo e da heurística de análise envolvidos, o que este estudo convoca a pensar tem relação com os processos que se estabelecem concomitantemente durante a interação para articular o lembrar e o narrar como ações entrelaçadas. Para tanto, neste estudo, recorre-se a diferentes tradições epistemológicas para estreitar a interface entre estudos da linguagem e da memória social. Para tanto, o presente trabalho ancora-se nas investigações linguísticas em Norrick (2019) acerca do trabalho

colaborativo da rememoração em narrativas conversacionais, bem como nos pressupostos discursivo-analíticos em Paveau (2015, 2007) acerca da memória sociocognitiva e as linhagens discursivas.

Nestas linhas, há a adoção de pressupostos das Ciências Cognitivas no tocante à *cognição distribuída*, que se refere à “compreensão de como a inteligência manifesta se no nível sistêmico – e não apenas no nível cognitivo individual – mediante o estudo da representação do conhecimento nas mentes dos indivíduos e sua propagação entre indivíduos e artefatos”. (ROCHA; PAULA; DUARTE, 2016, p. 95).

Esse conceito nasce com as investigações de Edwin Hutchins, instaurando uma nova visão de cognição para além de uma aceção físico-internalista, mas postulando-a como um processo múltiplo, heterogêneo e intersubjetivo pelo qual se inter-relacionam fatores internos e externos ao sujeito, bem como elementos socioculturais, mentais, abstratos, “virtuais”, materiais, artefatos, objetos, afetos, etc., uma vez que trabalha com todos os tipos de cognição, abrangendo as interações entre pessoas com os recursos, materiais e o meio ambiente como um todo (HOLLAN; HUTCHINS; KIRSH, 2000).

Diversas linhas das Ciências da Linguagem, portanto, têm adotado esses princípios da cognição distribuída para lançar luz sobre fenômenos diversos, tal como se pretende analisar, no presente trabalho, a relação entre lembrar e narrar como processos imbricados na conversação via descrição das pequenas estórias. Norrick (2019), planifica e sintetiza alguns pressupostos aprofundados na literatura científica sobre os processos de *co-narração* e *co-rememoração* que se efetivam no decurso da interação conversacional. Urge endossar que esses elementos estão no horizonte do processo analítico do *corpus* deste trabalho. Conforme Norrick (2019):

- a. Um narrador não só recapitula experiências passadas, mas também as reconstrói, revivendo-as e reavaliando-as colaborativamente com outros interlocutores;
- b. No processo de verbalização, as memórias são “moldadas” em sequência de eventos e tal processo é influenciado por fatores locais, contextuais e normas socioculturais;

- c. O ato de narrar engatilha lembranças, especialmente se os interlocutores partilham das experiências. Nesse processo, um evento A se transforma em B – tornando-se vicariamente em AB – de forma dialética. Além disso, os incrementos, acréscimos e reconstruções no aqui e agora da conversa amplificam a reportabilidade da estória.

Na prática, “com os eventos AB onde os participantes estão co-lembrando e co-contando, cada pessoa pode procurar juntar sua própria versão pessoal de uma história baseada em sua própria memória e outros relatos da experiência, cada um ‘fazendo a sua parte’”⁸ (NORRICK, 2019, p. 740, tradução nossa). Neste âmbito, conforme o autor, elementos biográficos são acionados e contribuem para internalizar as experiências, solidificando as histórias que recebem uma forma narrativa, especialmente quando se trata de contextos ou referências familiares. Por conseguinte, o autor entende que a cognição distribuída é um dos fundamentos e efeitos da construção colaborativa da lembrança na produção da fala e da narração na conversação cotidiana, por exemplo.

Assim como Norrick (2019), diferentes estudos da Análise do Discurso, como algumas correntes da linha francesa (PAVEAU, 2015, 2007), têm buscado apoiar-se no conceito de cognição distribuída para compreensão do papel da memória nas interações linguístico-discursivas. Para Paveau (2015, 2007), é preciso inserir a historicidade do sujeito na compreensão do discurso e a investigação do papel da memória é fundamental para ampliar essa perspectiva. Para esta autora, as representações, os discursos sociais, os conhecimentos partilhados, as lembranças, os saberes, os conhecimentos enciclopédicos e outros inúmeros elementos estão no horizonte dos fatores que configuram a memória social.

De fato, todos esses elementos entram em jogo no decurso das interações e trocas conversacionais (PAVEAU, 2015). Na prática, a autora articula os pressupostos acerca da memória social constantes nos estudos sociológicos, especialmente os de Maurice Halbwachs (1990, 1925), já que, tradicionalmente e em geral, os estudos linguísticos não

⁸ No original: “With AB-events where participants are co-remembering and co-telling, each person may seek to piece together her own personal version of a story based on her own memory and other accounts of the experience, each ‘rendering one’s own part’”.

têm considerado “as circulações memoriais externas dos discursos na sociedade” (PAVEAU, 2015, p. 140). Assim, Paveau (2015, 2007) aprofunda a noção de *memória discursiva*⁹, cara à tradição da Análise do Discurso franco-brasileira, valendo-se das investigações sobre cognição distribuída como tecnologia discursiva que participa da coordenação social nos mais diversos contextos (CONEIN, 2004). Assim, postula-se que qualquer memória, discursiva ou não, se apoia tanto internamente no sujeito, quanto na exterioridade, nos objetos, nos lugares e na relação com o meio ambiente em geral.

No horizonte dessas elaborações, subjaz a relação íntima entre indivíduo, linguagem, memória e comunidade, já que entre esses elementos há um intenso processo de negociação e reconstrução que se dão em um dado contexto e momento histórico. Em síntese, formam o campo da experiência subjetiva e social cognitivamente distribuído. Isso posto, Paveau (2015, 2007) cunha dois conceitos inter-relacionados para retrabalhar a categoria da *memória discursiva* como fenômeno da cognição social, a saber: os *pré-discursos* e as *linhagens discursivas*.

Para Paveau (2015), os pré-discursos são operadores de negociação e partilha, caracterizados por sua coletividade, transmissibilidade, intersubjetividade, imaterialidade e experiencialidade, já que são constituídos por enquadres sociais, *frames*, *scripts*, estereótipos, representações, saberes, conhecimentos, discursos e outros inúmeros elementos que se encontram na “anterioridade” da enunciação, da produção da fala e de qualquer proferimento. Em uma perspectiva sociocognitiva da memória, encontram-se “antes da transposição em discurso que impregna explícita ou implicitamente todas as nossas produções verbais” (PAVEAU, 2007, p. 314).

Não há correspondência unívoca entre os pré-discursos e determinadas materialidades, embora seja perfeitamente possível descrevê-los, localizá-los e analisá-los em quaisquer produções verbais, pois formam “um conjunto de quadros pré-

⁹ É Jean-Jacques Courtine (2014) quem introduz na Análise de Discurso Francesa pècheutiana a noção de memória discursiva como “existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (p. 05-06), explicitando que a memória é mais do que registro, mas a articulação com a história e a representação dos acontecimentos em uma dada configuração de temporalidade. A memória é tomada como efeito de atualidade dos acontecimentos, pois toda formulação discursiva evoca outros dizeres, associações, discursos produzidos em uma conjuntura histórica, regimes e efeitos de memória ou esquecimento, pois o “trabalho de uma memória coletiva permite, no interior de uma FD [formação discursiva] a lembrança, a repetição, a refutação, mas também os esquecimentos desses elementos de saber que são os enunciados [...]” (COURTINE, 2014, p. 6).

discursivos coletivos que têm um papel instrucional na produção e interpretação do sentido em discurso” (PAVEAU, 2007, p. 314). Assim, os pré-discursos se reconstroem formando linhagens discursivas por meio do processo colaborativo de reconhecimento, na (re)categorização dos referentes e pela memória histórica.

Paveau afirma que “existem vários saberes, crenças (em uma só palavra, proposições e pensamentos) articulados com o mundo exterior, o ambiente, os artefatos, e não apenas encapsulados nos módulos internos” (PAVEAU, 2015, p. 147). As linhagens discursivas se apoiam nas práticas discursivas, no corpo, no ambiente e na interação, assim como em atos e práticas materiais em contexto cognitivamente ampliado, multidimensional e “podem ser definidas como dispositivos representacionais internos e externos, permitindo acolher e transmitir conteúdos semânticos ligados aos saberes, crenças e práticas. Isso quer dizer que existem ‘lugares de memória’ discursivos e cognitivos” (PAVEAU, 2007, p. 326). Sendo assim, tanto os planos discursivos quanto a base linguístico-enunciativa na qual se expressam são inter-relacionados e sociocognitivamente engendrados.

4 Contexto das narrativas e procedimentos metodológicos adotados

Este estudo é de natureza qualitativa e ancora-se no quadro teórico-metodológico da análise narrativa (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; GEORGAKOPOULOU, 2015; FLANNERY, 2015), bem como na intersecção como estudos acerca da memória social em uma ótica sociocognitiva (NORRICK, 2019; PAVEAU, 2015, 2007). Em abordagem interdisciplinar, a análise centra-se, então, na estruturação das narrativas – no quadro das pequenas histórias (*small stories*) – e, concomitantemente, na interpretação do conteúdo mnemônico pelas linhagens discursivas presentes.

Para a análise de narrativas, considera-se a dimensão do olhar do pesquisador, assim como a posição êmica no trato com os fenômenos – na qual busca-se a construção de sentidos nos termos dos sujeitos envolvidos – a partir de dados produzidos em campo. A pesquisa narrativa pode se efetivar nos mais diferentes contextos e a situacionalidade é

fundamental na interpretação de dados como um todo (BASTOS; BIAR, 2015). Epistemologicamente, assume-se a impossibilidade de distanciamento social entre pesquisador e os sujeitos, além do caráter contextual e contingente do conhecimento produzido, contudo, “há um grande cuidado com as generalizações fáceis, com a homogeneização e simplificação do que é observado” (BASTOS; BIAR, 2015, p. 104).

Para tanto, constituiu-se como *corpus* uma conversa na qual três velhos interagiram e contaram diversos eventos. Esses dados de fala são oriundos de um *corpus* maior de conversas em profundidade, narrativas e entrevistas abertas (BONI; QUARESMA, 2005) no bojo de uma pesquisa de doutoramento¹⁰, que versa sobre a (re)construção da memória social da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA). Contudo, urge frisar que o presente estudo é um recorte independente e com objetivos próprios, embora relacionado à referida pesquisa, já que propõe um olhar distinto. Por isso, entende-se que a descrição estrutural não prescinde da discursivização dos referentes que compõem a substância social da memória (BOSI, 2004), consoante os objetivos traçados para a investigação em pequenas estórias.

Convém frisar que, segundo Bastos e Biar (2015, p. 104), “na atualidade, algum destaque tem sido conferido às narrativas oriundas de entrevistas, planejadas de forma semiestruturada ou aberta, formuladas de modo a encorajar a emergência de narrativas”, como é o caso do presente estudo. Como instrumento metodológico, uma entrevista pode ser descrita e analisada como qualquer encontro interacional espontâneo (BASTOS; BIAR, 2015), pois é um contexto sociocultural e comunicativo natural como qualquer outro (DE FINA; PERRINO, 2011).

Para a coleta de dados em campo, obedeceu-se a todos os trâmites legais quanto à pesquisa com humanos¹¹, devido às exigências éticas da pesquisa (BRASIL, 2016). O *corpus* deste estudo é uma conversa com aproximadamente 20 minutos de duração,

¹⁰ Importa sublinhar que este estudo piloto é um recorte originado de pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade, na Universidade Federal do Sul da Bahia. Os dados da fala-conversa foram autorizados pelos sujeitos, bem como a referida pesquisa foi aprovada em Comitê de Ética e Pesquisa consoante o parecer - CAAE: 31347520.8.0000.8467.

¹¹ A autorização para coleta foi dada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia, conforme o Parecer nº 4.144.271. O *corpus* original dispõe de aproximadamente 18 horas com dados de fala. Os sujeitos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como estão presentes no *corpus* apenas estórias e informações de cunho coletivo que, em todo caso, podem ser publicadas, pois no ato da coleta de dados, conteúdos de foro íntimo foram excluídos.

tendo como *sites* ou lugares (cf. Figura 02) as varandas das casas dos sujeitos ou caminhadas ao ar livre pela comunidade, entre os meses de outubro e dezembro de 2020. Em virtude do contexto pandêmico, seguiu-se rigorosos protocolos de distanciamento social e cuidados específicos¹², embora os contatos, visitas e interações com a comunidade Arara aconteçam desde 2017.

Como se trata de uma pesquisa sobre narrativa e memória de velhos (BOSI, 2004), os sujeitos da pesquisa, *tellers* ou narradores (GEORGAKOPOULOU, 2015), são os senhores Derly Félix da Silva (Zeco, 86) e Berly Félix da Silva (Zuza, 86), que são irmãos, e Wilson Pereira da Silva (87) – primo de Zuza e Zeco. Nos dados, são preservados os nomes ou apelidos dos sujeitos, em primeiro lugar, porque houve consentimento, os sujeitos são assim identificados na comunidade em tela e porque o partilhamento¹³ das memórias coletivas é tão importante quanto a investigação da estruturação narrativa em si mesma.

Entende-se, com base em Bamberg e Georgakopoulou (2008), que a análise empreendida não funciona apenas como demonstração das escolhas teórico-metodológicas. Para além disso, importa considerar que “ouvir as estórias de outrem é abrir-se para descobrir um pouco sobre o seu mundo, seja isto viabilizado pelo universo semântico, pela concretude das referências feitas e imagens criadas, seja pela própria linguagem empregada” (FLANNERY, 2015, p. 13). As conversas foram transcritas, conforme o padrão da Gramática Textual-Interativa (JUBRAN, 2015) e as principais convenções utilizadas estão sintetizadas a seguir:

Figura 3: Chave de transcrição

¹² Com efeito, em virtude da pandemia do coronavírus e para garantir segurança a todos, utilizei máscaras de proteção, distanciamento mínimo de 1,5 metro, álcool gel e, em vários momentos, as conversas ocorreram com apoio de agentes de saúde da comunidade. Realizei contato prévio, via telefone, a fim de explicar os procedimentos, pois qualquer visita se efetivaria caso os sujeitos se sentissem seguros.

¹³ Importa ratificar que quaisquer dados com conteúdos sensíveis para os sujeitos foram retirados do *corpus* como forma de trabalhar somente com dados passíveis de publicização. Os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou trecho	()	Do níves de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamentos	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamentos de som	::	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razoes
Comentários do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira?
Fala interrompida ou tomada	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira”

Fonte: Preti (2005, p. 19-20 - adaptado)

Para facilitar a visualização, disposição e descrição analítica, tabelou-se as linhas da transcrição. Na sequência, estabeleceu-se as seguintes etapas – algumas delas realizadas de forma concomitante - para operacionalização do estudo:

- Estruturação da hierarquia tópica das duas conversas (JUBRAN, 2015) como forma de sistematizar os tópicos¹⁴ presentes;
- Seleção das narrativas presentes – tanto as que se apresentam próximas do modelo canônico, quanto às que se aproximam das características de pequena estória. Determinados itens são destacados em itálico para diferenciar-se do padrão de transcrição;
- Caracterização das pequenas estórias presentes com base na heurística de análise em Georgakopoulou (2015);
- Análise geral das linhas discursivas que estruturam, em especial, as pequenas estórias constantes no *corpus*.

Isso posto, espera-se mostrar a inter-relação entre memória e linguagem no processo de estruturação das estórias, porquanto “toda narrativa adequa-se ao contexto

¹⁴ Tanto o padrão de transcrição quanto a estruturação seguiram o princípio de que a linguagem e o texto são atividades sociocomunicativas e interativas, bem como qualquer texto – como os da tipologia narrativa – é “uma unidade funcional que não somente permite a interação, como também viabiliza diversas formas de representar o mundo, de transformá-lo e de, a um só tempo, reconstruir-se a partir dessa dinâmica emergência dos sentidos” (CAVALCANTE *et al.*, 2010, p. 228).

em que é contada e é fruto direto das relações estabelecidas no âmbito da interação” (FLANNERY, 2015, p. 25).

5 Análise dos dados: retratos de Arara em pequenas estórias

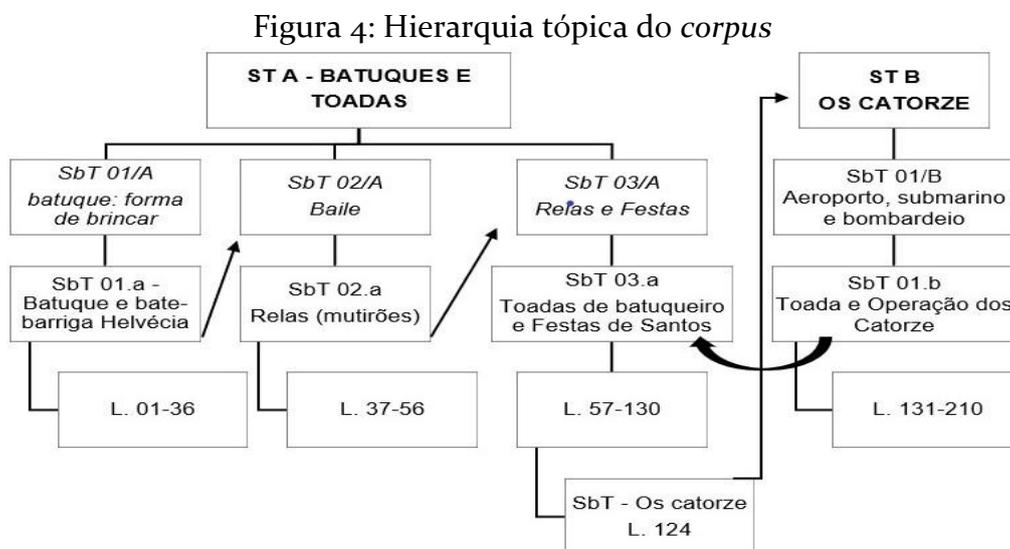
No Brasil, inúmeras comunidades quilombolas surgiram no espaço rural país afora, a partir de diferentes origens, notoriamente, pelas populações negras, mestiças, caboclas, indígenas em um contexto diaspórico decorrente do pós-abolição e das mudanças político-econômicas subsequentes (GOMES, 2015). Ao longo do século XX, essas populações, que ficaram às margens do olhar estatal em termos de políticas públicas, transformaram-se continuamente, muitas vezes ligadas por laços religiosos dos cultos afro-brasileiros ou pelo catolicismo popular, às formas tradicionais de vivência e produção agropecuária comunitária em íntima relação com os territórios aos quais pertenciam. Em suma, a formação do campesinato negro brasileiro deve-se, precipuamente, às estruturas coloniais e pós-coloniais de exclusão social, racismo, invisibilização e segregação (GOMES, 2015).

A história de Arara se aproxima desse contexto: formada por descendentes de quilombolas, posseiros, caboclos e trabalhadores de diferentes origens, essa comunidade pertencente ao município de Teixeira de Freitas (BA), mas ligada à história de outros municípios do Extremo Sul baiano, como Caravelas e Alcobaça, forma-se à beira do rio Itanhém entre diferentes fazendas com heranças coloniais (SAID, 2010) no final do século XIX. A comunidade Arara tem um histórico de resistência na luta pela sobrevivência frente à ausência estatal, caracterizando-se, dentre outros elementos, por construir fortes laços com a terra, pelas relações de compadrio, a vivência religiosa ancorada no catolicismo popular, nas marcas da cultura afro-brasileira e ao trabalho com a agricultura familiar (CARMO, 2021).

É a partir desta contextualização que, nesta seção, para melhor descrever as estruturas narrativas no *corpus*, organizou-se sua hierarquização e representação a partir do chamado tópico discursivo (JUBRAN, 2015). O tópico é circunscrito com base nos

princípios de centração e organicidade que permitem situar o referente, a temática ou o assunto da interação e, conforme a referida autora, é possível subdividir um tópico central ou supertópico (ST) em subtópicos (SbT). Nesse processo, um SbT pode alçar à condição de ST e vice-versa, bem como podem ocorrer expansões, rupturas e sobreposições entre tópicos quanto no interior de um mesmo ST. Para efeitos da análise, esse quadro textual-interativo propicia um “mapeamento” dos referentes e, por conseguinte, facilita localizar as diversas tipologias sequenciais. No caso, busca-se focalizar as sequências narrativas sob a forma de pequenas estórias.

Tal perspectiva tópica dá condições de delimitar os “modos de contar” (GEORGAKOPOULOU, 2015). A seguir, a representação da hierarquia tópica da conversa analisada:



Fonte: Elaborado pelo autor

Na conversa 01, há dois ST A e B dominantes no primeiro plano, subdivididos em SbTs no segundo plano que, por sua vez, também se subdividem. Nesse caso, os SbT do terceiro plano se desenvolvem no fluxo da conversa em novos referentes conforme sinalizado pelas setas, assim como há retomadas – o SbT 01.b retorna ao SbT 03.a. No plano inferior, as linhas marcam os limites de cada SbT no tabelamento dos dados. A conversa em tela tem a extensão de 01 a 210 linhas (L.). Em todo caso, essa hierarquização ilustra a diversidade de estórias que foram construídas na conversa distribuídas em uma sequencialização tópica.

Por isso, antes da análise das pequenas estórias, ilustra-se com um exemplo que se encaixa no modelo tradicional, qual seja uma narrativa que se encontra presente no SbT 02.a. do ST A na conversa. No excerto a seguir, o SbT 02.a sobre os “relas” – mutirões que ocorriam na comunidade Arara – o senhor Zeco muda o assunto da conversa que girava em torno dos bailes (SbT 02/A) para narrar um fato que ocorreu com seu pai. Esse fato, inserido na conversa, tem seu *resumo (abstract)* e *orientação* nas L. 42 a 55, bem como a *ação complicadora* destacada nas L. 54-56. A avaliação da narrativa é co-construída pelos três narradores, conforme destacado nas L. 75-81, assim como a resolução da história se dá no mesmo trecho concomitante à avaliação (L. 78-79), conforme se observa no excerto 01:

Excerto 01 – SbT 02.a (“relas”):

42 Zeco vou contar uma história que aconteceu com meu pai... e
 43 outros... aí... o avô de de Dorivaldo foi fazer um corte no
 44 terreno pra casa de farinha... onde tá a casa de farinha o
 45 restim da casa de farinha... é um depósito daqueles a a
 46 aviamento velho de trabalho tá tudo lá ainda em pé... o senhor
 47 já teve lá na fazenda? de Orlando Neves? [...]
 48 lá conhecer... vou contar a história aí quando ele foi fazer a
 49 casa de farinha... na baixada que a casa de farinha era lá no
 50 morro lá em cima no morro que o bisavô de Dorivaldo fez era lá
 51 no morro... e depois que o bisavô morreu o avô... formou
 52 família e fez a casa cá na baixa... a casa tá em pé até hoje e
 53 a casa de farinha também ainda tá pé... aí ele foi fazer esse
 54 corte lá... *arranjou uma porção de gente naqueles tempos quando*
 55 *a pessoa ia fazer uma coisa dessa assim juntava convidada e*
 56 *vinha muita gente de longe...*
 57 Zuza a gente chama de RELA
 58 Zeco chamava de rela
 59 Zuza num era mutirão não... ERA RELA
 60 Zeco era rela... aí
 61 Zuza [nóis vai fazer um RELA... (RISOS) aí eu sabia
 62 num precisava nem até o cara me chamar... é o rela...
 63 Zeco é se bem que a pessoa gostava de tomar um mel comer encher a
 64 barriga aí pronto... aí papai foi... quando foi ... chegando lá
 65 trabalharam e tal terminou o serviço aí ele de tardinha antes
 66 da janta aí panhou os tambor botou no terreiro num terreirão de
 67 secar o café um terreiro pra lá que é hoje... disse "É A FESTA
 68 HOJE é dos preto amanhã é dos branco" (risos) papai gostava de
 69 brincadeira papai gostava era o baile
 70 Wilson [do forró também gostava era do
 71 forró
 72 Zeco aí... quando foi no outro dia meu cumpadi... a festa foi de
 73 baile *foi só aquelas família... cotada... ((risos)) e papai*
 74 *tomou injúria com o tal de rela que nunca mais foi em rela...*

- 75 (risos)ele pagava uma pessoa pra ir mais ele num ia...
 76 Zuza se convidava ele pra ir ele "vou vou seu fulano" aí ele
 77 arranjava outra pessoa e dizia "você quer ganhar tanto pra ir
 78 lá ajudar fulano fazer isso? diz ele que fui eu que mandei."...
 79 mas ele lá ele num ia não (risos)
 80 Wilson tomou raiva (risos)
 81 Zeco achou que fosse uma desfeita... e::

Zeco insere, na L. 42, uma narrativa que mostra como seu pai lidava com os mutirões, instaurando um novo SbT que se situa no SbT 02/A (cf. Figura 04). Todas as sentenças livres que orientam os interlocutores no tempo, espaço e personagens envolvidos, no caso, a construção de uma casa de farinha em uma fazenda próxima à comunidade, na qual muitos de seus parentes trabalharam. Porém, a *unidade narrativa básica*, na qual há a junção temporal e forma o ponto da narrativa (LABOV; WALETZKY, 1997) está nas L. 54 a 57: “arranjou uma porção de gente naqueles tempos quando a pessoa ia fazer uma coisa dessa assim juntava convidada e vinha muita gente de longe”, mas a sequência enunciada por sr. Zeco é complementada por sr. Zuza: “a gente chamava de rela” (L. 59).

Não só esse trecho é interessante por narrar uma forma coletiva de resolver os problemas na comunidade, como mostra o trabalho colaborativo na construção do referente na interação (JUBRAN, 2015) no subtópico em questão, assim como é sr. Zuza quem lembra e categoriza, com o termo “rela”, o ponto da narrativa que não foi inserido por ele, mas por Zeco. Tal fato exprime, na verdade, o trabalho de co-rememoração por partilharem experiências em comum (NORRICK, 2019). Os relas ou mutirões fazem parte do pré-discurso dos interlocutores e, portanto, estão presentes na conversa formando uma linhagem discursiva (PAVEAU, 2015).

Nesta narrativa em análise, os memorialistas expressam o que eram os “relas”, avaliam a importância dos mutirões e explicam o porquê de o pai deles não mais querer participar dessas atividades e, por isso, pagava a outrem. Essa estória emergiu em meio às lembranças de bailes e da necessidade da construção de uma casa de farinha. Urge endossar que, em uma conversa, vários tipos de sequência, como narração, descrição, argumentação, exposição, injunção etc., podem participar da construção do texto falado, mesclando-se (JUBRAN, 2015).

Diante disso, do próprio excerto 01, que ilustra o modelo canônico, é possível analisar a emergência de uma pequena estória, por isso convém chamar atenção à estruturação particular da avaliação (L. 75-81):

Excerto 02 - SbT 03.a (toadas de batuqueiro e festas de santo):

73	Zeco	[...] e papai tomou
74		injúria com o tal de rela que nunca mais foi em rela...(risos)
75		ele pagava uma pessoa pra ir mais ele num ia...
76	Zuza	se convidava ele pra ir ele "vou vou seu fulano" aí ele arranjava
77		outra pessoa e dizia "você quer ganhar tanto pra ir lá ajudar
78		fulano fazer isso? diz ele que fui eu que mandei."... mas ele
79		lá ele num ia não (risos)
80	Wilson	tomou raiva (risos)
81	Zeco	achou que fosse uma desfeita...

Em meio à narrativa instaurada por sr. Zeco sobre a relação de seu pai com os mutirões, a avaliação é co-construída pelos três memorialistas, mas é o sr. Zuza quem insere um conjunto de sentenças livres que formam uma nova e curta narrativa – na L. 76 – com o uso de uma cláusula condicional. Nesta construção, estabelece-se uma enunciação hipotética que se mescla ao discurso reportado, trazendo “falas” de seu pai para sua própria enunciação. Portanto, a avaliação do SbT 02.a sobre os “relas” é, de fato, uma pequena estória que funciona argumentativamente como justificativa, mesmo sem maior grau de reportabilidade.

No decurso da interação, “as ações dos envolvidos podem ser resgatadas por meio de curta sequência de falas que o autor cria” (FLANNERY, 2015, p. 83), tal como o narrador (*teller*) faz nas L. 76-79 acima, nas quais o discurso de quem é lembrado entranha-se no discurso de quem lembra. Com isso, percebe-se que um importante dado da análise narrativa se teria perdido no modelo laboviano, mesmo apresentando uma certa juntura temporal como dado importante.

Flannery (2015) explana, com base nas pesquisas de Georgakopoulou, que as pequenas estórias apresentam diversidade de tópicos e se desenvolvem pelas necessidades contextuais e cotidianas, podendo apresentar natureza hipotética – como no excerto 02 anterior – e projeções, como no excerto 03 a seguir, no qual o tópico gira em torno de como se brincava os batuques na comunidade Arara no passado. O sujeito entrevistador (S.E.) busca esmiuçar o processo (L. 15 e 18) e, no contexto inicial da

conversa, o sr. Zuza formula uma sequência de falas projetivas que expressam a performance da brincadeira a fim de explicar as diferentes modalidades de batuque, consoante se expõe nas L. 19 a 24:

Excerto 03 – SbT 01/A (batuque: forma de brincar):

- 12 Zuza nós aqui só brincava homem... pro lado de Helvécia pra lá eles
 13 brincava homem e mulher... do jeito que homem batia mulher batia
 14 também...
 15 S.E. é mesmo? batia canela tinha que ter força?... além da
 16 encruzilhada tinha como?
 17 Zuza na encruzilhada... () banda... e:: facção...
 18 S.E. cada um tinha um jeito diferente?
 19 Zuza *a encruzilhada você dobrava a perna aqui arrastava assim por*
 20 *baixo oh... e aí o cara ia e se o cara não fosse bom e ligeiro*
 21 *ele ia... agora o cara ligeiro não se ele BATEU a perna aqui...*
 22 *quando (cercava) a encruzilhada... ele na hora que você tocou a*
 23 *perna dele ele já tira o pé de banda e você já pega ele só pelas*
 24 *ponta...*

No processo de linearização tópica, no qual uma sequência pode ser expandida ou dar espaço para outros desdobramentos (JUBRAN, 2015), diversos referentes vão emergindo no decurso da conversa, formando os diferentes subtópicos (cf. Figura 04) e isso indica que “umas das implicações de uma rígida configuração e entendimento do texto narrativo [como é o caso do modelo laboviano] é a limitação no reconhecimento de outras formas de contar histórias” (FLANNERY, 2015, p. 80). No caso da pequena história anterior (L. 19-24), a transcrição não dá conta de representar a performance do sujeito ao expressar e realizar com o corpo aquilo que narra, já que se refere a um certo modo de cruzar as pernas no batuque.

No modelo canônico, a reportabilidade indica a razão de uma história ser contada. No entanto, para a perspectiva das pequenas histórias, são o contexto e as intenções comunicativas que estimulam a inserção de determinadas sequências narrativas com diferentes finalidades, tais como nos excertos 02 e 03.

Na memória discursiva dos sujeitos, os mutirões e as festas estão interligados de certo modo, uma vez que se davam, muitas vezes, como ações concomitantes. Em outras palavras, conforme contam os narradores, após os trabalhos no campo, buscavam realizar festas – profanas ou religiosas – seja como forma de lazer, seja como forma para

exercício das crenças religiosas, embora pudessem se efetivar simultaneamente. Em Arara, o catolicismo popular se mostra como uma referência fundamental, de maneira que danças e brincadeiras como batuques e sambas faziam parte da rotina, de acordo com o que os narradores relatam relativamente à uma toada cantada por sr. Zuza que leva os interlocutores a construir colaborativamente a lembrança dos sambas:

Excerto 04 - SbT 03.a (toadas de batuqueiro e festas de santo):

- | | | |
|-----|--------|--|
| 88 | S.E. | o senhor cantou agora pouco uma... foi uma toada? |
| 89 | Zuza | é:: batuca negro que branco num vem cá... (risos) |
| 90 | Zeco | primeiro saia samba de caixa e pandeiro "Oh João Oh João bate |
| 91 | | pandeiro sacode pra num cair no rojão" (risos) (imita os sons) |
| 92 | Wilson | o samba era buni::to também |
| 93 | Zeco | o samba era... |
| 94 | Zuza | um samba bem cantado... |
| 95 | Zeco | o senhor nunca viu um samba de caixa e pandeiro? o senhor |
| 96 | | nunca viu? |
| 97 | S.E. | não |
| 98 | Wilson | tem esse aí fizeram esse aí num teve? que fizeram? |
| 99 | Zuza | samba de caixa e pandeiro num teve não... |
| 100 | Wilson | num teve uma amostra que fizeram uma amostra aí |
| 101 | Zuza | foi na festa de São Benedito... |

O entrevistador procura explorar a toada cantada. Na sequência, sr. Zuza indica que se trata da toada “batuca negro que branco não vem cá”. Note-se os risos denotando uma conversa animada, pois evoca afetos e lembranças felizes. Neste contexto, nas L. 90-91, sr. Zuza insere uma breve sequência narrativa que contextualiza como a toada era cantada. Há uma junção temporal que poderia ser desconsiderada no modelo tradicional, mas não escapa ao modelo das *small stories*, já que exerce uma função comunicativa importante. Essa junção pode ser expressa no esquema, tal como: “sair samba de caixa de pandeiro (1º tempo) – cair no rojão (2º tempo)”. Assim, vê-se que a pequena história inserida nas L. 90-91 funciona argumentativamente como demonstração da toada que é o referente central do SbT em tela, além de estimular expressões avaliativas e apontar o contexto religioso.

Os batuques e sambas dançados pelos memorialistas e demais moradores antigos de Arara no passado assemelham-se aos que eram realizados no município de Helvécia, Nova Viçosa (BA) (cf. excerto 03 - L. 12). São, na verdade, referências socioculturais importantes e que marcam a identidade de diferentes comunidades negras e

quilombolas da região do Extremo Sul baiano. Essas expressões performáticas são, portanto, marcas de ancestralidade afro-brasileira, conforme Dos Santos (2012), apresentando-se a memória social de forma direta ou indireta.

Mesmo sendo uma comunidade com remanescente de quilombolas e formada por sujeitos de maioria negra e mestiça, Arara construiu referências religiosas com base no catolicismo popular ao longo dos anos e as festas de santo sempre foram uma constante que movimentavam os moradores. Conforme Molar e Almeida (2013), essas expressões religiosas são fundamentais para formação e compreensão da memória e das representações sociais tanto no meio urbano quanto no rural. Do ponto de vista linguístico-discursivo, são parte do acervo do pré-discurso dos sujeitos e, se insurgem nas narrativas – em formato canônico ou em pequenas histórias – é porque formam linhagens discursivas (PAVEAU, 2015; 2007) pelas quais as referências coletivas expressam as relações sociais e, por conseguinte, aquilo que diz respeito à identidade individual e social dos narradores.

Na sequência da conversa, conforme exposto na Figura 04, um novo tópico assume a proeminência na conversa - ST B “os catorze” - no qual os narradores rememoram as operações e exercícios militares que ocorreram no município de Caravelas (BA) na época da II Grande Guerra. Segundo Silva (2019, p. 03), “não só as operações [militares] no Atlântico são esquecidas, mas os locais em que elas aconteceram, também”. Neste contexto, as lembranças de infância situam o SbT de eventos históricos e coletivos em pequenas histórias complementares:

Excerto 05 – SbT 01.b (toada e operação dos catorze):

159	Zuza	embaixo... isso aconteceu aqui oh... daqui onde a gente tava
160		aqui moço escutava os estampido dos canhão lá... é:::
161	Wilson	eu lembro...
162	Zuza	a gente era pequeno mas eu me lembro... de vez em quanto vinha
163		e (imita o som dos estampidos) estampido danado... até quando
164		Deus abençoou que conseguiram vencer e acabaram prenderam ()
165		aí pronto acabou a confusão...
166	Wilson	ali a gente passava ali... era um movimento danado ali né?
167		hoje que acabou só tem uns()
168	Zuza	ali nos catorze era um movimento doido... e deu dinheiro na
169		região... tudo quando era coisinha que a gente colhia aqui e
170		que levava pra Caravelas [...]

Segundo o historiador, “uma das áreas diretamente afetadas pela Segunda Guerra Mundial no Brasil foi o Extremo Sul da Bahia, uma região que sempre aparece de forma tangencial na historiografia brasileira” (SILVA, 2019, p. 1). Assim, o trabalho de co-rememoração e co-narração propicia o resgate de elementos fundamentais para a construção da historiografia da região.

De fato, o sr. Zuza e sr. Wilson colocam em discurso as imagens de lembranças dos exercícios militares no aeroporto de Caravelas. Nas L. 162-165 do excerto 05, sr. Zuza constrói uma breve narrativa, performa os sons dos exercícios militares e sumariza alguns eventos. Nas L. 166-170, os co-narradores constroem uma segunda pequena estória que faz referência às movimentações econômicas naquele momento histórico. Com isso, de um relato canônico, emergem pequenas estórias que transportam ao discurso uma memória histórica que, na verdade, “constitui uma ferramenta cognitivo-discursiva” (PAVEAU, 2015, p. 151). Tudo isso mostra, pois, a importância sociocultural da memória de velhos (BOSI, 2004).

Considerações finais

O presente estudo demonstrou que as narrativas em conversas com pessoas idosas – velho como categoria sociológica – não se estruturam apenas de acordo com o modelo canônico, mas também em pequenas estórias que assumem diferentes funções comunicativas na sequencialização tópica da conversa. Esta, por sua vez, tanto como texto quanto como interação, se realiza colaborativamente no processo de co-narração e co-rememoração. Além disso, os referentes que formam o conteúdo de cada estória ou os subtópicos na hierarquização tópica fazem parte do pré-discurso dos sujeitos ou, em outros termos, a “substância” sociocultural que advém das experiências, em grande medida, partilhadas pelos narradores.

A descrição e análise de uma conversa dos moradores da comunidade Arara permitiu indicar a complementaridade dos modelos de análise de narrativas, bem como

a função social da memória de velhos e das estórias – tanto canônicas quanto as *small stories* – para a preservação das referências culturais e identitárias. Destarte, as lembranças de infância dos velhos da comunidade deram condições para resgatar eventos históricos que importam para o contexto territorial e regional.

Em suma, esse conjunto de referências partilhadas que permanecem no pré-discurso dos sujeitos e que estão intimamente ligadas às experiências vividas configuram a “memória encarnada” discutida na literatura sobre os estudos interacionais e da análise da conversa. No entanto, diferente destes recortes, a perspectiva do presente estudo não se deslocou para a construção da ação social na conversa e sim para a estruturação narrativa. Sendo assim, foi possível explorar diferentes funcionalidades das “sub-narrativas” na interação a partir de um olhar analítico que, por seu turno, aliou as abordagens linguístico-estrutural e discursiva para articulação entre lembrança e narrativa.

Tal intersecção foi possível pela adoção de uma perspectiva distribuída da cognição e memória. Por fim, entre batuques, mutirões, festas e lembranças de infância, o estudo destaca a memória social de uma comunidade rural negra com remanescentes de quilombolas como forma de valorizar a linguagem, as estórias, as memórias locais e, a partir delas, explorar um modelo analítico que venha a servir para diferentes contextos de pesquisa, interação e, quiçá, outras inúmeras identidades.

Referências

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAMBERG, Michael. Why narrative? *Narrative Inquiry*, Amsterdam, v. 22, n. 01, p. 202–210, 2012.

BAMBERG, Michael. Who am I? Narration and its contribution to self and identity. *Theory & Psychology*, Califórnia, v. 21, n. 01, p. 1–22, 2010.

- BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text & Talk*, Berlim, v. 28, n. 03, p. 377-396, 2008.
- BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004.
- BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 97-126, 2015.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Santa Catarina, v. 02, n. 01, p. 68-80, 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília – DF, n. 98, p. 44-46, maio 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_16.htm>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- CARMO, Bougleux Bomjardim da Silva. Batuques e todas em linhagens discursivas: memória dos velhos de Arara e organização tópica em uma conversação. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 2, n. 4, p. e496, 30 set. 2021.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (org.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 225-261.
- CONEIN, Bernard. Cognition distribuée, groupe social et technologie cognitive. *Réseaux*, n. 124, p. 53-79, 2004.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: EdUFSCar, 2014.
- DE FINA, Anna; PERRINO, Sabina. Introduction: Interviews vs. ‘natural’ contexts: A false dilemma. *Language in Society*, Cambridge, v. 40, 1-11, 2011.
- DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Analysing narratives as practice. *Qualitative Research*, Cardiff, v. 08, n. 03, p. 379-387, 2008.

- DOS SANTOS, Valdir Nunes. As performances da dança bate-barriga, elementos de significação ancestral na comunidade negra de Helvécia. In: *CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS*, 8, 2012, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2012, p. 01-05.
- FLANNERY, Mércia Regina Santana. *Uma introdução à análise linguística de narrativa oral: abordagens e modelos*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 42. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- GEORGAKOPOULOU, Alexandra. "Small stories research". In: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. (org.). *The handbook of narrative analysis*. London: Willey Blackwell, 2015, p. 256-271.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil*. Coleção Agenda brasileira. 1 ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- HOLLAN, James; HUTCHINS, Edwin; KIRSH, David. Distributed cognition: toward a new foundation for human-computer interaction research. *ACM Transactions on Computer-Human Interaction*, New York, v. 07, n. 02, p. 174-196, jun. 2000.
- JUBRAN, Clélia Spinardi. "Tópico discursivo". In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 85-126.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: Oral versions of personal experience. *Journal of Narrative & Life History*, New Jersey, v. 07, n. 01-04, p. 03-38, 1997.
- MOLAR, Jonathan de Oliveira; ALMEIDA, Ítala Serafim. O religioso e o profano na festa de São Bernardo em Alcobça-BA (1990 - 2010). *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 31, n. 01, p. 01-21, 2013.
- NOGUEIRA, Mayara de Oliveira; OLIVEIRA, Roberto Perobelli de. Narrativização do sofrimento do outro na conversa cotidiana entre advogados. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 21, n. 02, p. 77-97, 2020.
- NORRICK, Neal R. Collaborative remembering in conversational narration. *Topics in Cognitive Science*, New Jersey, v. 11, p. 733-751, 2019.
- PAVEAU, Marie-Anne. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 5, p. 137-161, 28 abr. 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. Tradução de Norma Seltzer Goldstein. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 311-331, 2007.

PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. 3 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005 (projetos Paralelos, v. 02).

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; PAULA, Claudio Paixão Anastácio; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. A cognição distribuída como referencial teórico para os estudos de usuários da informação. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 26, n. 2, p. 91-105, 2016.

SAID. Fabio M. *História de Alcobaça: Bahia (1772-1958)*. 1 ed. São Paulo, 2010.

SILVA, Tharles da. Os lugares e a memória: a Segunda Guerra Mundial no Extremo Sul da Bahia. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E O FUTURO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL*, 30, Recife, 2019. *Anais [...]*. Recife: UFPE, 2019. p. 01-14.

Recebido em 30/07/2021.

Aprovado em 01/12/2021.